



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

**MARIA JOSEDILMA ALBINO QUEIROZ**

**A POESIA DO REPENTE COMO RECURSO DIDÁTICO NA SALA DE AULA:  
Zé de Cazuza, o mestre da poesia, “Só pela fé vale a vida”.**

**SUMÉ - PB  
2015**

**MARIA JOSEDILMA ALBINO QUEIROZ**

**A POESIA DO REPENTE COMO RECURSO DIDÁTICO NA SALA DE AULA:  
Zé de Cazuza, o mestre da poesia, “Só pela fé vale a vida”.**

**Monografia apresentada ao Curso de  
Licenciatura em Educação do  
Campo do Centro de  
Desenvolvimento Sustentável do  
Semiárido da Universidade Federal  
de Campina Grande, como requisito  
parcial para obtenção do título de  
Licenciada em Educação do Campo.**

**Orientador: Professor Me. Erivan Silva**

**SUMÉ - PB  
2015**

Q384p Queiroz, Maria Josedilma Albino.

A poesia do repente como recurso na sala de aula: Zé de Cazuza, o mestre da poesia, "só pela fé vale a vida". / Maria Josedilma Albino de Queiroz. - Sumé - PB: [s.n], 2016.

48 f.

Orientador: Prof. Me. Erivan Silva.

Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Licenciatura em Educação do Campo.

1. Educação - Cultura. 2. Gênero – Poesia - Repente. 3. Escola – Recursos didáticos. I. Título.

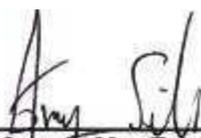
CDU: 398.88 (043.1)

# MARIA JOSEDILMA ALBINO QUEIROZ

## A POESIA DO REPENTE COMO RECURSO DIDÁTICO NA SALA DE AULA: Zé de Cazuza, o mestre da poesia, “Só pela fé vale a vida”.

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo.

### BANCA EXAMINADORA:



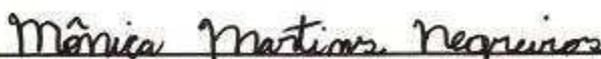
---

Professor Me. Erivan Silva  
Orientadora – UAEDUC/CDSA/UFCG



---

Professor Dr. Wallace Gomes Ferreira de Sousa  
Examinador I – UACIS/CDSA/UFCG



---

Professora Dra. Mônica Martins Negreiros  
Examinadora II – UAEDUC/CDSA/UFCG

Trabalho aprovado em: 03 de dezembro de 2015.

A todos aqueles que de alguma forma estiveram e estão próximo de mim, fazendo esta vida valer cada vez mais a pena.

## **AGRADECIMENTOS**

A minha mãe, que com muito carinho e apoio não mediu esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

Ao professor Erivan Silva, pela paciência na orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão desta monografia.

A todos os professores do curso que foram tão importantes na minha vida acadêmica e no desenvolvimento desta monografia.

Aos amigos e colegas pelo incentivo e apoio constante.

A Sandra Maria Pereira Falcão pelas palavras de apoio na minha vida acadêmica.

Ao poeta Zé de Cazuzá que sem sua extraordinária memória, que sem ela não seria possível este trabalho.

A Signety Ferreira, a Carla Mailde Santa Cruz, a Maria Ivanete Barros e a José Rubens Farias.

“Poeta é aquele que tira de onde não tem  
e bota onde não cabe”

(Pinto de Monteiro)

## RESUMO

Este trabalho mostra através do poeta Zé de Cazuzza em seu livro, Poetas Encantadores a importância da presença da poesia do repente como recurso didático na sala de aula do ensino fundamental e médio das escolas do município da Prata/PB. Ao percebermos a ausência dessa obra nos conteúdos programáticos das escolas supracitadas, criamos o nosso problema de pesquisa: por que a obra do poeta Zé de Cazuzza está ausente nas escolas de ensino fundamental e médio do município da Prata/PB? A partir de então e, partindo para os nossos objetivos, desenvolvemos uma pesquisa de cunho metodológico qualitativo para melhor compreender o conteúdo e a forma da obra do poeta, no intuito de demonstrar o quão rico e significativo é esse trabalho lírico para ser utilizado como recurso didático nas escolas de ensino fundamental e médio do Cariri Ocidental Paraibano.

Palavras-chave: Poesia. Repente. Educação. Cultura.

## **ABSTRACT**

This study comes to show through the poet Zé Cazuza in his book, Poets charmers , the importance of the sudden presence of poetry as a teaching tool in the classroom of elementary and secondary education of municipal schools of the Silver / PB . To realize the absence of such work in the syllabus of the schools mentioned above , we created our research problem: because the poet's work Ze Cazuza is absent in primary and secondary schools in the municipality of Silver / PB ? Since then , and leaving for our purposes , we developed a qualitative methodological nature of research to better understand the content and form of the work of the poet , in order to demonstrate how rich and meaningful is this lyrical work to be used as a resource teaching in primary and secondary schools in the Western Cariri Paraibano.

Key-words : Poetry. Suddenly. Education. Culture.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>2</b>	<b>A POESIA POPULAR: HISTÓRICOS E VERTENTES.....</b>	<b>11</b>
2.1	MISTURAS CULTURAIS.....	11
<b>3</b>	<b>O REPENTE E A POESIA.....</b>	<b>16</b>
<b>4</b>	<b>A POESIA DE ZÉ DE CAZUZA.....</b>	<b>19</b>
4.1	QUEM É JOSÉ NUNES FILHO (ZÉ DE CAZUZA).....	19
4.2	JOSÉ PAES DE LIRA FILHO – LIRINHA.....	21
4.3	RICARDO VLADIMIR MAIA.....	22
4.4	ZÉ DE CAZUZA.....	24
4.5	UMA VIAGEM À MEMÓRIA DE ZÉ DE CAZUZA.....	29
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>40</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>41</b>
	<b>ANEXOS - FOTOS.....</b>	<b>42</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A literatura popular é rica em variações e estilos poéticos. Em virtude de uma grande demanda de poetas, esta riqueza produz uma ampla capacidade de interpretações responsáveis por fazer da literatura a maneira de expressar os sentimentos, as emoções e todos os componentes que falam da vida na sua forma mais sublime.

Este estudo mostra através do poeta Zé de Cazuza, no livro Poetas Encantadores, a sua capacidade de domar as palavras e assim guardar ao longo dos anos dezenas de poemas declamados, alguns apenas uma única vez, resguardando a tradição regional.

Diante do exposto, o estudo da produção literária popular do poeta Zé de Cazuza, faz menção a todas as possibilidades de inspiração contidas nesse conceito poético. A importância do estudo reside em tornar conhecido poeticamente, através deste trabalho, o que continua sendo empírico e autêntico produto da vivência autodidata do poeta. Além disso, a satisfação de estar conhecendo a obra de um autor da nossa região permite a transmissão de conhecimentos conduzidos através das gerações, mas que podem se perder por não haver registro e consciência da dimensão desta construção, uma vez que identificamos a ausência da obra desse poeta nos conteúdos de língua portuguesa e artes nas escolas de ensino fundamental e médio do município da Prata/PB onde esse poeta reside há tempos. Nesse sentido, pensando nesta perspectiva de propagação de conhecimentos que vimos a importância de levar à sala de aula a produção literária deste poeta que muito tem colaborado com a cultura popular, com a publicação do seu livro e que também divulga o trabalho de inúmeros poetas populares.

Atualmente, as discussões sobre planejamento educacional do Plano Nacional de Educação (PNE) – que é uma lei ordinária com vigência de dez anos a partir de 26/06/2014, prevista no artigo 214 da Constituição Federal - estabelece diretrizes, metas e estratégias de concretização no campo da Educação Nacional. Com isso, Municípios e unidades da federação deverão ter seus planos de Educação aprovados em consonância com o PNE.

Nessa direção, observando as metas estabelecidas no PNE vimos que a meta 7, que debate o aprendizado adequado na idade certa, fomenta a qualidade da

educação básica em todas etapas e modalidades, com melhoria do fluxo escolar e da aprendizagem, refere-se diretamente à qualidade no ensino fundamental I e II, nas disciplinas de Língua Portuguesa e Artes. E ainda mais adiante, no tópico 7.1, que discute as Diretrizes Pedagógicas e Base Nacional Comum, que vem estabelecer e implantar, mediante pactuação interfederativa, diretrizes pedagógicas para a educação básica e a base nacional comum dos currículos, com direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento dos(as) alunos(as) para cada ano do ensino fundamental e médio, e aqui salientamos, a diversidade regional, estadual e local.

É justamente nesse ponto sobre a valoração e incorporação dos conteúdos identitários regionais que o nosso trabalho busca uma consonância prévia na elaboração de conteúdos que visam montar os planos pedagógicos das escolas do semiárido brasileiro de forma contextualizada. Mesmo sabendo das controvérsias em torno da Base Nacional Comum, não devemos nos eximir de estarmos prontos para essa discussão de forma alicerçada. Ainda assim, independente de termos ou não a Base Nacional Comum aprovada e consolidada, acreditamos que nada é mais nordestino do que o canto de uma aboiador e uma cantoria de viola.

Para tanto, no intuito de alcançar os objetivos propostos se fez necessário um estudo literário mais aprofundado que faz parte da prática da pesquisa e uma leitura bibliográfica para poder embasar as ideias aqui expostas, assim, o material escolhido foi cuidadosamente analisado.

Nessa direção, o poeta Zé de Cazuzza e sua obra serão apresentados através de dados biográficos e entrevistas feitas em sua residência na presença de alguns familiares. Assim, por intermédio do poeta e de sua família, destacaremos detalhes de sua vida para poder, desse modo, conhecer melhor a sua capacidade de memorização e invenção poética. Nesse contexto, faremos uma viagem através do poeta Zé de Cazuzza, tentando pinçar nele a cultura e a poética regional.

## 2 A POESIA POPULAR: HISTÓRICOS E VERTENTES

A literatura existe desde que existe o homem e esse sentiu a necessidade de contar suas experiências retratando situações vividas por ele e por outros; o modo de agir, de falar, de pensar etc. Assim, observa-se que a literatura primeira foi a oral, só séculos mais tarde, com a invenção da escrita, é que nasce a literatura diagramada e, conseqüentemente, a erudita. A partir de então, dois aspectos surgiram: a literatura oral e a erudita.

Dentro do aspecto da oralidade encontram-se hoje vertentes como o repente e a embolada que representam uma das ramificações do eixo popular nordestino. Além dessas, existem também a poesia escrita representada pelo cordel e pela literatura matuta.

No que diz respeito ao conteúdo, a poesia sertaneja tem influências dos romances que chegaram de Portugal em forma de prosa e verso sendo vertidos para sextilhas habituais e passaram a ser cantados nas feiras e nos acontecimentos culturais onde vários temas são abordados, por exemplo, o desprezo pela morte, avalia da coragem, histórias de cangaceiros, histórias de mitos, entre outros. Já as novelas assim como os romances são semelhantes aos contos de encantamento narrando as histórias de reis, príncipes e plebeus. Para Afrânio Coutinho (1999, p.185)

A preferência pela literatura oral, o primeiro leite da cultura humana, existe em todas as biografias. É o elemento vivo e harmonioso que ambienta a criança e acompanha obstinadamente, o homem, numa ressonância de memória e saudade.

Dessa forma, desde o Brasil colônia, o sertanejo vem se inventando e se reinventando a partir das suas heranças étnicas. A poesia do Repente aparece como uma das mais nobres marcas de expressões do Sertão Brasileiro nos dando uma identidade inconfundível e de rara beleza.

### 2.1 MISTURAS CULTURAIS

Diante do exposto, jamais poderíamos deixar de citar a nossa herança indireta dos árabes como sendo o fio da meada, pois estudos comprovam que

tradições como os nossos repentistas violeiros e rabequeiros têm origem arábica. O sertão brasileiro foi uma das regiões do Brasil que mais recebeu as comunidades judaicas que aqui chegaram com o colonizador ibérico. Essas comunidades eram remanescentes dos povos árabes do norte africano que invadiram e se estabeleceram na Península Ibérica por 800 anos. Em consequência do domínio territorial e militar dos árabes, veio também a influência cultural. Inúmeras ressignificações ocorreram entre mouros, cristãos e judeus que resultaram em marcas de expressões as quais nós herdamos e que podemos identificar na nossa cultura musical nordestina entre os nossos repentistas: violeiros e emboladores. Essa cultura de origem árabe pré-islâmica acabou ficando marginalizada logo que esses povos foram expulsos da Europa após a Reconquista da Península Ibérica que foi consolidada em 1492 com a tomada do reino de Granada. Muitos historiadores da península omitiram as contribuições árabes na formação cultural Espanha e Portugal, dando os créditos tão somente aos europeus. No entanto, é notória a presença das marcas de expressões da cultura árabe como a prática da improvisação poética. Para Schack a improvisação surge com os árabes, quando ele cita que: (1953: p. 26)

“As primeiras expansões poéticas dos árabes foram versos avulsos que improvisavam sob o efeito de uma impressão momentânea. Todas as tradições e coleções de poesias dos tempos pré-islâmicos abundam em exemplos neste sentido. É preciso destacar esta peculiaridade (a improvisação), não só porque ela serve de alicerce a todas as formas posteriores mais sofisticadas, se não porque ela mesma permanece inalterada ao lado das demais maneiras de poetizar.”

Ainda nessa perspectiva, estudos comprovam que os árabes não sofreram influências externas de nenhuma outra cultura, já que eles desconheciam qualquer outra, ou seja, a poética arábica é autóctone e espontânea. A poética arábica exaltava seu povo, seus feitos, suas crenças e o lugar onde viviam.

Dessa forma, o poeta era considerado uma figura importante nas tribos beduínas, respeitado por todos pela sua capacidade expressiva de identificar objetos que, posteriormente, se tornariam canções que, na sua maioria, exaltavam seus costumes e crenças. Para Soler: (1995: p. 29)

[...] “E nestas tribos errantes espalhadas pelo deserto imenso, no meio árido e difícil, debaixo de um sol escaldante, de dia, e no frio penetrante das noites carregadas de estrelas, a eloquência e arte de cantar versificando

representava um carisma aureolado com qualquer coisa de sagrado. Um poder de perpetuar e transcendentalizar as ações e paixões do indivíduo e da coletividade, no meio denso de forças telúricas. Representava também uma prova de alçada espiritual: somente pode ter a capacidade de bem dizer quem é capaz de bem pensar.”

Nota-se a importância do poeta para estes povos, que em tudo ritualizavam, usando as trovas e versos metrificados. Porém, todos eram poetas, qualquer camponês era capaz de improvisar sobre o tema que lhe fosse proposto. Para tanto, os versos declamados não deixavam de serem poesias que demonstravam sentimentos nobres.

Assim, com esta mistura étnica foi que os novos povos surgiram entre fricções e ressignificações culturais. Para Gilberto Freyre (1973) esta miscigenação que constituiu novas nações “considerando-se, não só as íntimas relações entre os conquistadores e conquistados, durante a invasão africana, como as que se seguiram, entre cristãos e cativos mouros; e entre hispano-romanos e moçárabes”. Mistura essa que vinha ocorrendo desde a da Europa e atravessou o Oceano e chegou ao nosso Continente, com os trovadores, estes que atravessaram a História e perduram até os dias atuais, com características próprias que historicamente se provou que surgiram espontaneamente, os nossos repentistas. (SOLER p. 113-114)

Mas de 800 anos de domínio político, de caldeamento racial e, sobretudo, de liderança cultural não se apagam de uma hora para outra, pelo menos no seio da massa humana que tantas coisas tinha chegado a aprender e a amar, no vivo a exemplo da espiritualidade e do transbordante temperamento dos seus dominadores mulçumanos. Os árabes tinham implantado nessa massa, de uma maneira natural e dentro da tolerância ideológica que os caracterizou, hábitos e vivências que significavam verdadeiras conquistas da inteligências, graus de evolução espiritual. Notadamente, tinham feito da poesia e da música profana – e da mistura de ambas – um meio de comunicação abrangente acessível a todos. A poesia deixará de ser um cultivo modelar a cargo de gênios eruditos, como costumou ser dentro da cultura latina, para passar a ser o que sempre fora entre os árabes: um jogo de agilidade espirituosa, um canal de extroversão, um meio informativo, um arquivo da tradição, um instrumento de esgrima intelectual, tão apto para a louvação quanto para a sátira, uma dimensão colorida da linguagem fosse nas Cortes, nos mercados ou nas festas e nas folgas dos camponeses. Ora, conseguir fazer um povo inteiro habituar-se a pensar e falar em verso, a musicar e canta Poesia, é de fato muito mais do que instaurar uma moda: é ampliar a capacidade espiritual deste povo, e elevá-lo em seus valores mais nobres: os do verbo, os da comunicação espiritual através do simbolismo das palavras.

Nessa direção, a nossa poesia popular nordestina é senão o resultado destas misturas culturais que, como resultado final, temos uma poética com métrica, estrófica e rima, ao que cada povo usa estas características separadamente, como destaca Luis Soler (1995: p. 49-50) quando diz que

A poesia latina era métrica e estrófica, mas não usava a rima. A árabe não parcelava estrofes, porém tinha rima, recurso muito coerente com a própria estruturação das palavras, na língua árabe. Desde os primitivos poemas dos beduínos do deserto, tão perfeitos. Que os próprios árabes consideravam-nos modelos da sua poética, cada poema usava uma determinada rima paralela dos hemistíquios. Os versos eram longos, pois cada um devia expressar de 'per' si um pensamento completo. A rítmica era solene e persistente sem alterações."

Essa mistura deu origem a um escopo rico e atraente, ao longo dos tempos fora se fundindo e dando origem a uma cultura que contém todos estes recursos e que se mostra forte e grandiosa, ao passar dos anos, vem atraindo admiradores e estudiosos, buscando conhecê-la e descobrir por que é tão atrativa. Assim como os árabes, os nordestinos tendem a se destacar seu domínio poético, na maioria das vezes estes não precisaram de mestres, pois já nasceram com a inclinação para a poesia que, na maioria das vezes, herdaram a veia poética no seu próprio clã, onde podemos encontrar famílias com gerações de poetas.

Desse modo, muito temos que agradecer aos árabes por nos transplantar indiretamente sua tão bela cultura, estamos arraigados dos seus hábitos e modos como cantam suas histórias e feitos através da poesia. Temos uma cultura rica, porém pouco estudada, impossibilitando reconhecer o seu valor/a sua importância. Foi com os árabes que aprendemos que devemos contar e cantar para que nossas tradições não sejam esquecidas, tampouco modificadas.

Nesse contexto, queremos salientar outro ponto forte do nosso trabalho. É quando evidenciamos a importância da presença moura e sua influência no nosso semiárido, pois a nossa educação sempre omitiu a presença indireta dos árabes como formadores da cultura brasileira. Nossas áreas de conhecimento responsáveis por essa discussão histórica, sempre deram crédito unicamente ao europeu, africano e indígena, uma vez que, é entre africanos do norte e europeus ibéricos que permeia o fio limiar dessas nossas origens árabe. Assim, aqui salientamos uma discussão que traz à tona essa percepção da presença árabe indireta na nossa cultura, em

especial, a nordestina. É uma proposição de reconhecimento e inclusão para com aqueles que são, possivelmente, os pais do nosso repentismo brasileiro.

Dentro dessa vertente do nosso repentismo existem poetas renomados e muitos ainda anônimos. É nessa perspectiva que se direciona nosso trabalho, haja vista, que se pretende aqui apresentar a poesia de um desses muitos poetas. Assim, adentremos no universo poético de Zé de Cazuza.

### 3 O REPENTE E A POESIA

A cantoria, também conhecida como repente, é uma arte poético-musical comum no Nordeste brasileiro, bem como em locais que receberam grandes contingentes de migrantes nordestinos, como São Paulo e o Distrito Federal. Seus poetas são chamados de cantadores, repentistas ou violeiros, e atuam sempre em duplas, alternando-se no canto de estrofes compostas sob regras bastante rígidas de rima, métrica e coerência temática. Sua característica fundamental é o improviso, ou seja, a criação dos versos no momento da apresentação. A capacidade de sustentar o diálogo poético em apresentações que podem durar horas, respondendo às estrofes do parceiro e a pedidos dos ouvintes, é o aspecto mais intrigante e encantador dessa arte.

Embora o termo “improviso” leve à ideia de imprevisto, de falta de planejamento, a improvisação na poesia, assim como na música, não é assistemática nem aleatória. Ao contrário, no improviso (poético ou musical), a muito da linguagem comum, da manipulação de tradições compartilhadas, de analogias de ideias e formas como recurso criativo, a partir das quais o improvisador é capaz de criar constantemente mensagens originais (Magrini, 1998, p. 172; Díaz-Pimienta, 2001, p. 173). Etnomusicólogos, como Nettl (1974, 1998) e Sutton (1998), consideram que o improviso envolve uma relação entre o músico e modelos estéticos (como escalas, padrões rítmicos, melodias), por meio da qual são criados novos resultados no momento em que se faz a música.

Os registros mais antigos sobre os desafios poéticos são encontrados entre os pastores gregos, que lançavam os versos ao seu adversário, o qual, por sua vez, deveria responder dentro da mesma estrutura poética, com o mesmo número de versos. Esta prática ficou imortalizada nos escritos de grandes poetas gregos, como Teócrito, Virgílio, Homero e Horácio (CASCUDO, 2005: p. 185-186). O termo “desafio” foi herdado de Portugal, onde permaneceu entre os pastores, que cantavam suas poesias improvisadas “ao som do arrabil ou de violas primitivas” (CASCUDO, 2005: p. 190).

Na cantoria, os versos são improvisados ao som das violas sobre melodias tradicionais chamadas de toadas. Há toadas próprias para cada modalidade de estrofe, e elas formam um acervo coletivo dos cantadores. No modo mais comum de

apresentação, as chamadas cantorias de pé de parede, esses poetas atendem aos pedidos da plateia por assuntos e modalidades.

Os cantadores atendem também a pedidos por peças pré-compostas, que são os poemas e as canções. Os primeiros são compostos em modalidades da cantoria e podem ser declamados ou cantados em uma toada com acompanhamento da viola igual ao dos gêneros de cantoria. Já as canções são composições de cantadores, mas não seguem estritamente as regras poéticas do improviso, são compostas sobre melodias próprias e acompanhamento instrumental com harmonias mais variadas.

O cantador representa o poeta que perambula pelos sertões nordestinos, cantando versos de sua autoria, ou alheios, sempre acompanhado de seu instrumento (MOTA, 2002: p. 3; CASCUDO, 2005: p. 173). Amplamente difundido nesta região, seu repertório compõe-se de romances, xácaras, toadas descrevendo a natureza, paisagens, entre outros (CASCUDO, 2005: p. 174).

Dentro da cantoria sertaneja, a viola e a rabeca foram os instrumentos eleitos pelos cantadores (CASCUDO, 2005: p. 195). Entretanto, a primeira parece ser mais comum e podem-se encontrar referências a este fato, tais como: “A viola é verdadeiramente o grande instrumento da cantoria. Violeiro é sinônimo de cantador” (CASCUDO, 2005: p. 195) e “Só a viola [...] harmoniza a cadência do verso ao som melódico das suas cordas mágicas. A viola é a alma dos cantadores nordestinos” (COUTINHO FILHO, 1953: p. 25).

São também frequentes os festivais, nos quais se cantam modalidades predefinidas e assuntos propostos pelos organizadores. A maioria desses eventos consiste numa competição entre duplas de cantadores. Aí, a interação entre poetas e ouvintes é mais distante em comparação com as cantorias, tanto pela disposição espacial (canta-se em palcos ou palanques) quanto porque a plateia não faz pedidos aos cantadores.

O repente requer um exercício de balanceamento entre parceria e competição. Em qualquer situação, há sempre uma disputa entre os cantadores – seja espontânea ou oficial, latente ou enérgica – em que cada um procura convencer ao público de sua superioridade poética. Ao disputar, os poetas colocam em jogo sua imagem pessoal, seu prestígio como repentista e a possibilidade de receber convites para cantar em outras ocasiões, caso agrade ao público – fator da maior importância principalmente para os que têm a cantoria como profissão. Por outro

lado, a dupla deve trabalhar conjuntamente para envolver a plateia, e a obrigação de cantar a dois impõe o cultivo de parcerias.

O encanto que a cantoria exerce sobre poetas e ouvintes vêm justamente dessa coesão formal e do caráter improvisado de sua expressão. É isso que confere ao cantador uma identidade social específica e a função de seu papel de artesão de um modo especial de comunicação e ritualização de sentimentos e valores coletivos. Tal identidade é construída pelas relações que estabelece e pelo lugar social que ocupa em função de sua capacidade de expressão dentro desse código.

O cantador sertanejo, vagando pelo sertão, de um canto a outro, tirando sua sobrevivência do ofício de recitar versos, acompanhado de seu instrumento inseparável, seja a viola ou a rabeca, corresponde homologamente a sua tradição arábica desde os tempos mais remotos no norte da África.

## 4 A POESIA DE ZÉ DE CAZUZA

### 4.1 QUEM É JOSÉ NUNES FILHO (ZÉ DE CAZUZA)?

Esse estudo tem o propósito, como já foi destacado anteriormente, de apresentar a poética de um autor conhecido nacionalmente como o “homem gravador”. Diante disso não se pode apresentar um poeta sem antes observar sua vida, por isso antes da obra vamos dar uma “espiada” na biografia do autor.

Zé de Cazuzza nasceu em 13 de dezembro de 1929, na fazenda Boa Vista, município de Monteiro, no Estado da Paraíba. Filho único de fazendeiro e poeta. Hoje casado e pai de sete filhos. Segue um poema de sua autoria para homenagear seus filhos:

MEUS FILHOS  
 Tem Antônio Tadeu que é o primeiro  
 Tem a Neide Maria quem venero  
 E depois vi nascer José Romero  
 Desvendando outro amor tão verdadeiro.  
 Tem Luís, o maior como tropeiro,  
 Felizardo, poeta, e Antenor  
 Tem Marcondes um bom compositor  
 No baião e no xote se projeta  
 Se de fato eu gerei tanto poeta  
 Agradeço ao Divino Criador.

Estudou apenas um ano na “ESCOLA RUDIMENTAR MISTA DE BOA VISTA”. Assistiu, com seis anos de idade, pela primeira vez, a uma cantoria realizada por Severino Lourenço Pinto, seu conterrâneo de Monteiro, e Antônio Marinho do Nascimento, natural de São José do Egito – PE.

Atualmente reside em uma fazenda de sua propriedade no sítio São Francisco, que herdou do seu pai, município de Prata– PB. Continua em suas atividades agropecuaristas, na fazenda São Francisco. De estatura mediana, cabeça

meio achatada, testa larga, olhos castanhos, ombros um pouco derreados, braços longos com mãos delicadas e nervosas. Sua aparência física revela o tipo comum do nordestino, com certo ar de humildade.

Mentalmente, é uma pessoa superdotada. Sua inteligência, sua vontade e sua sensibilidade estão acima da média. Tem plena consciência disto. É nobre e digno. Sabe, sem arrogância, de seu valor e sua importância na cultura de seu povo e de sua região.

De posse da palavra, já em prosa, já em verso, quando conversa, quando recita e quando canta, transmuda-se. O espectro, aparentemente comum, de homem do povo, transforma-se, e ele se mostra um gigante da comunicação. Narrando e comentando fatos, analisando pessoas e comunidades, prende a atenção pelo raciocínio, agrada pelo humor, convence, move, emociona. Conhece a alma de seu povo. Sabe traduzi-la com fina ironia e humor inteligente.

Três facetas, entre outras, se manifestam nesse homem impressionante: memória fenomenal; acurada capacidade crítica; sensibilidade poética.

ZÉ DE CAZUZA prestou e ainda presta à cultura do Repentismo um relevante serviço. Grava na memória privilegiada, faz mais de cinquenta anos, centenas, senão milhares de poemas, estrofes, versos, criados ao sabor do improviso nas cantorias e nas reuniões de glosas dos cantadores e poetas nordestinos, produção artística que se teria perdido definitivamente. Hoje, com a tecnologia, tudo se grava e retém. Nas décadas de 1940, 1950, 1960, no Sertão, não se conhecia outro modo de fixar para a posteridade a obra dos repentistas, a não ser a memória dos frequentadores das festas de poesia. Havia, porém, um gravador perfeito: a cabeça de Zé de Cazuzza. É capaz, ainda hoje, de recitar sem interrupção, durante quatro, cinco horas, o que de melhor produziram os cantadores e improvisadores do Ceará, do Rio Grande do Norte, da Paraíba, de Pernambuco, de Alagoas, de Sergipe e da Bahia. Freqüentador de cantorias, ele mesmo, um excelente cantador, amealhou um verdadeiro tesouro de poesia popular que distribui, com generosidade e até com entusiasmo, por onde passa e onde vive. Sua memória é, realmente, um fenômeno.

É, por outro lado, um crítico experiente, consciente e respeitado. Tem o dom de decorar a parte melhor da produção de seus colegas. Numa cantoria, fica-lhe à memória o poema mais belo, a estrofe mais perfeita, o metro mais correto, a rima mais rica. Imita com perfeição a voz e o estilo do artista cuja obra canta ou recita.

Sem ele, os cantadores de repente teriam perdido o melhor de suas obras e a cultura da poesia popular do Nordeste estaria sensivelmente prejudicada.

Por fim, é o autor, sem favor, um grande cantador e poeta. Não fez profissão da viola. Por duas ou três vezes, oprimido pelas crises da região onde vive e trabalha, ou por estímulo de amigos, cantou para sobreviver. Nivelou-se com os melhores cantadores de todos os tempos. Zé de Cazuza é, assim, um arquivo ambulante, um crítico inteligente e respeitado, um representante autêntico de uma cultura cujas marcas distintivas são a oralidade e a improvisação. Zé de Cazuza é, sem dúvida, um ícone da cultura popular.

#### 4.2 JOSÉ PAES DE LIRA FILHO – LIRINHA

José Paes de Lira Filho, nascido em 9 de novembro de 1976, é um músico, compositor, poeta e escritor brasileiro. Conhecido como Lirinha, é natural de Arcoverde, cidade “Portal do Sertão Pernambucano”, desde muito cedo frequentava rodas de recitais e “pelejas” dos cantadores e violeiros que aconteciam na fazenda de seu avô. Logo aprendeu a decorar versos e fazer rimas, e com apenas doze anos foi convidado por Ivanildo Vila Nova e Ésio Rafael para declamar poesias no Teatro de Santa Isabel, o teatro mais tradicional de Pernambuco, no 4º. Congresso de Cantadores do Recife.

Sempre transitando no universo da literatura, música e teatro, além de participar da banda Cordel do Fogo Encantado, atuou em peças e filmes, assinou trilhas para espetáculos e filmes. Foi casado durante sete anos com a atriz Leandra Leal de quem se separou em 2010.

Assim, Indagado em que período da sua vida conheceu Zé de Cazuza, Lirinha responde: “Quando criança (10 anos) é uma pessoa importante na minha vida, tudo que sei hoje sobre poesia eu devo a Zé de Cazuza, a sua construção próxima de mim”.

EU DUVIDO QUE EXISTA NO NORDESTE

UM POETA MAIS DOIDO DO QUE EU

A poesia presente estonteante  
que o poeta recebe quando nasce.

O que seria de mim senos faltasse  
o desejo que brota de mim a todo instante.

Tenho pena do homem tão distante  
que só usa a razão dos gestos seus,  
porque na vida nunca adormeceu  
entre os dedos azuis da mão celeste.

Eu duvido que exista no Nordeste  
um poeta mais doido do que eu.

E, Lirinha segue:

“Viajamos juntos quando eu comecei o caminho chamado o declamador, foi tentando me aproximar das coisas que eu via de Zé de Cazuza, fizemos algumas apresentações juntos viajando para algumas cidades do País, aí recitamos juntos em um festival onde foi o meu primeiro momento com Zé ao vivo e com plateia, também vivi outros momentos com Zé: festivais, cantorias de violeiros e pés de parede. Quando eu posso, tento me aproximar, porque Zé é um poeta que se transforma num dos maiores pontos de encontro dessa poesia, que foi feita na hora exata, poesia foi feita, é gravada pelo vento, então Zé é essa maior referência”.

#### 4.3 RICARDO VLADIMIR MAIA

“Eu conheci Zé de Cazuza na Fazenda São Francisco, há 25 anos, primeiro conheci Miguel através de Ronízio de Jataúba que sempre recitava poesia e eu gostava. Perguntei onde ele aprendeu e ele disse: foi no sertão, eu pedi pra ele me levar lá, fiz amizade com Miguel de cara e fiquei fascinado com a hospitalidade

daquela família, Miguel foi para Petrolina e eu continuei indo no São Francisco já amigo de Antenor e levava reportagens para Mãe Duca”.

“Minha Mãe comprou um apartamento em Piedade, Jaboatão dos Guararapes, e ficava perto do Bar que Luís Homero tinha na praia e rolava muita Poesia, ali minha amizade aumentou com Miguel e Luíz”.

“Depois, eu há uns 16 anos atrás casei e fui morar em Recife, tinha lojas de confecções no Centro do Recife, fui a Piedade no bar de Passarinho que tocava no Vates e Violas e quando cheguei estava o Mestre Zé de Cazuza, fiquei maravilhado com suas poesias, e parecia que a gente já se conhecia há séculos.”

“Ele tinha três filhos morando lá, mas quando ia para Recife só queria ficar lá em casa, apesar de que eu morava num prédio com três andares e não tinha elevador, ele tomava uma e subia as escadas comigo altas horas quando chegávamos das noitadas de Poesia, cerveja e alegria.”

“Certo dia ele recitando disse, Ricardo Maia você é Poeta. Eu disse Zé eu não sei recitar nem uma quadra, ele me disse você sente a Poesia e quem sente é Poeta, eu sempre me emocionava com as poesias dele e de seus amigos. Essa amizade continua até hoje com toda Família dos Cazuza e certo tempo depois também fiz algumas poesias nesses 25 anos que ando na Prata, na Fazenda São Francisco e onde eu me sinto em casa, quando quero descansar e rever meus amigos. Foi lá que conheci a mãe da minha 4ª filha, Agda Jovelina, há 3 anos atrás, e tenho orgulho de minha filha morar vizinho a Fazenda de Zé de Cazuza e sua família ser amiga dos Cazuza.”

‘O melhor amigo de Zé de Cazuza foi Manoel Filó e certa vez, ele me disse meu Deus tirou Manoel Filó, mas mandou você pra vê se eu aguentava a jornada, fiquei emocionado com Zé me comparando com seu melhor amigo, e até hoje quando ele vem a Santa Cruz do Capibaribe fica lá em casa me imortalizou no seu livro Poetas Encantadores com uma foto minha e dele no Recife, onde diz: eu e meu amigo Ricardo Maia, e disse que vai botar alguns dos meus versos na quarta edição do seu livro. Amo essa família, e adoro tomar uma com Zé de Cazuza e ouvir Poesia é meu amigo, e que Deus dê muitos anos de Vida ao Mestre Zé de Cazuza!’

#### 4.4 ZÉ DE CAZUZA

Para dar conta de todos os dados com o máximo de veracidade e seriedade foram feitas visitas frequentes a casa do poeta, no intuito de entrevistar a ele e a admiradores.

Ao ser indagado sobre não ter estudado ele responde: “Eu não tive necessidade nenhuma de saber mais do que eu sei, eu aprendi muito com o mundo, minha escolaridade foi de um ano e pouco, mais, até hoje, não passei vergonha por conta disso”.

Quando perguntado sobre suas fontes de inspiração ele diz que: “Eu acho que seja vários motivos, pode ser de alegria, de tristeza, a natureza, enfim, as coisas da vida né, você pode se inspirar num poema, por um amor, por um terminal de amor, de amizade, né assim tudo isso dá um motivo que incita um poeta, dão motivo de inspiração.”

“Eu acho que um dos temas famosos pra gente é a natureza né, pela sapiência, que possui que nos ensina todo dia, né”?

Zé de Cazuzza faz questão de enaltecer a cultura, e tem como ídolos diversos nomes reconhecidos no cenário da poesia: “ah, têm muitos cantadores de viola, ainda existe um bocado, e já morreram muitos, Pinto, João Paraibano, Sebastião Dias, Manoel Xudu, tem uma enormidade ”.

Zé também cita alguns fãs, que não escondem dele a admiração e respeito que têm pela figura genial que é Zé de Cazuzza. “Ricardo Moura, Tarcísio Moura, Renato Moura, Paulo Barros, Lirinha, Ricardo Maia e entre outros cantadores, eu noto que a maioria tem muita simpatia pelos meus versos pelo que eu sei né isso. Tem uma enormidade como já falei, Sebastião Dias, João Paraibano, que viajou agora há pouco tempo (faleceu), Sebastião da Silva que está doente, Moacir Laurentino, Geraldo Amâncio. Eu sou cantador de viola, agora nunca mais cantei, mas eu cantei uns dois anos de profissão, meus parceiros principais foram Geraldo Amancio, Manoel Xudu e Lourival Batista, e os cantei assim, em pé de parede, com um, com outro etc.”

Perguntado sobre suas predileções, ele recita o poema considerado por muitos o seu poema mais belo:

Todo dia muda a cor  
Do quadro da minha vida  
Eu não sei se o mundo nota  
Que meu rosto esteja assim  
Do jeito de pano ruim  
Que até seu lavar desbota  
Cada uma perna cambota  
Sem ter força na descida  
Quanto mais numa subida  
Todo dia muda a cor  
do quadro da minha vida

Todos os dias eu penso  
Fui moço, forte e afoito  
A pressão doze por oito  
Já hoje sou hipertenso  
Minha corrida eu não venço  
Mas sei que será vencida  
Tão distante da partida  
Todo dia muda a cor  
do quadro da minha vida  
  
A pressão descontrolada

Avisa que sou doente  
Por esse motivo a mente  
Ficou desequilibrada.  
Até mesmo na morada  
Que foi por mim construída  
Me levanto na dormida,  
Me perco no corredor,  
Todo dia muda a cor  
do quadro da minha vida.

Eu falei que fui robusto  
Forte que nem um lajedo  
De nada sentia medo,  
Hoje, com tudo, me assusto.  
Até pra dormir eu custo  
Achando a noite comprida,  
A alma desiludida  
De festa, farra e amor  
Todo dia muda a cor  
do quadro da minha vida

Sei que a morte faz sucesso  
Com seu poder oriundo  
De assassinar todo mundo

Sem responder um processo.  
Confesso, não me confesso  
Com tanta culpa estendida  
Que poderá ser punida  
Por força superior  
Todo dia muda a cor  
do quadro da minha vida

No poema “Todo dia muda a cor do quadro da minha vida” o poeta retrata sua vida ao longo dos anos demonstrando sua condição de saúde. Observa-se, nesses versos, que o autor retoma o passado; o saudosismo é uma característica marcante em seus poemas.

Zé ainda fala da importância da mídia para a propagação da cultura: “Naquele tempo atrás a gente só acumulava no juízo, na cabeça, e hoje tem essa enormidade de vantagens: internet, cd, dvd, todo tipo de gravação. Ficou mais abundante, sem comparação. Naquele tempo não havia essa possibilidade, ou gravava ou se perdia. Cheguei ser elogiado por Zé Rabelo, por exemplo, mais alguns críticos: Janssem Filho, Rogaciano, então ele dizia o seguinte: que eu tinha vindo por uma determinação, porque naquele tempo que não havia gravador(na década de 40), eu fui até considerado pelo Globo Repórter-GR.(22/05/2009) como o homem gravador.”

Ele ainda retrata em entrevista o diálogo que teve com a jornalista da Rede Globo(RG) do Rio de Janeiro, a conversa que antecedeu a reportagem que foi ao ar em 22de Maio de 2009.

“Quando o GR me procurou aqui, eu estava na sala, o telefone tocou, alguém atendeu: Zé é pra tu”.

-Alo, com quem eu falo?

-Com Cristina de tal, sou repórter da RG, estou falando do Rio de Janeiro.

-Então, mande as ordens!

-Com quem eu falo?

-Com Zé de Cazuza

-Ah! Era com quem eu queria falar

-Então diga.

-Olhe, é que nós vamos trabalhar pra semana com o teste memória e chegou aos nossos ouvidos que você é um excepcional memorialista, é verdade?

-Bem, eu sou suspeito pra falar, mas esta notícia já andou tanto, deve ter um pé.  
(Ela riu)

-Você topa?

-Topo, você vem?

-Eu não posso ir, vou mandar a Beatriz Castro.

-Conheço, já fui entrevistado mais de uma vez por ela.

Após ir ao ar, no sábado, eu sempre vou a Monteiro-PB, tem um bar que frequento muito, aí chegou uma moça, me deu os parabéns, dizendo:

- Olhe, você está de parabéns!

-Diga por quê?

-Entrevistado pelo GR e é intitulado o homem gravador, você ficou famoso!

-Eu já era.

-Já?

-Já, se não fosse famoso como o GR teria me achado?"

Diante do exposto podemos observar que Zé de Cazuza, assim como tantos outros, demonstra inquietação, essa é uma das características marcantes dos poetas. Não quero, nesse estudo, fazer comparação e sim apresentar um entre tantos poetas autodidatas. Dessa forma, observa-se que a história se repete um poeta autodidata, que através de uma mente iluminada, consegue aprender e doar o aprendido de uma forma especial, tanto didaticamente quanto poeticamente.

Quanto ao estilo, o poeta é eclético, espontâneo e saudosista. Zé de Cazuza traz a natureza, o amor e a saudade contida em sua poesia de forma especial, como quem olha o mundo por uma janela que, aos seus olhos, é peculiar, única e cheia de beleza e lirismo.

#### 4.5 UMA VIAGEM À MEMÓRIA DE ZÉ DE CAZUZA

##### O LOUCO É AFORTUNADO PORQUE NÃO TEM AMBIÇÃO

Doido não possui maleta  
Também não possui bagagem  
Enfrenta qualquer viagem  
Seja roupa branca ou preta  
Sem dinheiro na gaveta,  
Se tem, não presta atenção.  
Se possuísse um milhão  
Trocaria num cruzado  
O louco é afortunado  
Porque não tem ambição.

Neste poema o autor fala da simplicidade que os loucos têm em ver o mundo, sem ambições. É visivelmente perceptível que o poeta preza muito pela simplicidade, pois é um homem que viveu sem ambições e que para ele o que realmente importa são as virtudes que cultivamos nesta vida.

##### A MORTE É UMA NOVELA QUE NINGUÉM PODE ASSISTIR

Eu gostei muito de ouvir  
A tua trova singela.  
Dizes que a morte é ingrata  
E parece uma novela

Porque começa com um nó  
E no fim só mostra vela.

A ESTRADA MATOU QUEM ESCREVEU  
O MAIS BELO POEMA DA ESTRADA

Meu compadre, colega e quase irmão,  
O saudoso poeta Marcolino  
Comandado da sorte ou do destino  
Foi mudado para outra região.  
Uma vaca inocente, sem razão,  
Atropela-lhe o carro em disparada  
Deixa a pista de sangue nodoadá  
Como marca de tudo o que se deu  
A estrada matou quem escreveu  
O mais belo poema da estrada.

A estrada não teve complacência  
De poupar um poeta cantador  
Que cantou sua glória, seu valor,  
Lhe tratando com tanta deferência.  
Se esqueceu que aquela inteligência  
Precisava rever sua morada  
Foi ingrata, perversa, desalmada  
Machucou-lhe o crânio, ele morreu,  
A estrada matou quem escreveu  
O mais belo poema da estrada.

Sei que a vida do vate terminou  
Por motivo de um carro que virava  
Por fração de segundo ele escapava,  
Por fração de segundo se acabou.  
O poder do acaso atravessou  
Lhe trazendo da morte esta embaixada

Seja a alma do corpo desligada  
 Um subiu para o céu, outro desceu  
 A estrada matou quem escreveu  
 O mais belo poema da estrada.

Nestes dois poemas Zé de Cazuza fala da tristeza que se tem ao falar da morte e, no segundo, temos isso explicitado quando ele fala da saudade do Poeta Zé Marcolino, que morreu tragicamente em um acidente automobilístico, que era seu compadre e grande amigo a quem considerava um irmão. Aqui ele descreve como se deu o acidente que vitimou o poeta.

#### SÓ PELA FÉ, VALE A VIDA

Jesus Cristo, alma serena  
 Numa peregrinação  
 Fez numa noite de sermão  
 Na porta de Madalena.  
 De toda a glória terrena  
 Deixou-a desiludida  
 Fê-la ir arrependida  
 À morada de Simão,  
 Onde obteve o perdão,  
 Só pela fé, vale a vida.

E o cego Bartolomeu  
 Estava de causar dó  
 Numa praça em Jericó  
 Quando Cristo apareceu.  
 Ele pede ao Galileu  
 Que a sua visão perdida  
 Fosse a ele devolvida  
 Depressa avistou a luz

Agradecendo a Jesus  
Só pela fé, vale a vida.

Chegou Jairo impaciente  
Onde Jesus estava discursando  
Dizendo a ele que estava  
Com uma filha doente  
Duma febre intermitente  
De quentura desmedida.  
- Salve-me a filha querida!  
Para glória de minha alma!  
Jesus disse: tenha calma!  
Só pela fé, vale a vida.

Depois disso acompanhou  
De Jairo cada passada,  
Antes de sua morada,  
Muita gente ele encontrou.  
O povo, ali, informou  
Ser a moça falecida  
De mãe dela entristecida  
Pranto e lamentos comovem  
Jesus ressuscita a jovem  
Só pela fé, vale a vida.

Morrendo o Santo Cordeiro  
Já pelo terceiro dia  
Apresentou-se a Maria  
Em forma de jardineiro.  
Recebendo um santo cheiro  
Da santa feição polida  
Antes dela a preferida  
Reviu o seu filho amado  
Já tendo ressuscitado  
Só pela fé, vale a vida.

O rebento de Maria,  
Que é filho de Nazaré,  
Apareceu a Tomé  
Com outros em companhia.  
Tomé disse que não cria  
Que o filho da concebida  
Já tinha feito partida  
Da morada do seu povo  
Jesus disse: “Eu vim de novo”  
Só pela fé, vale a vida.

Pela maldade terrestre  
Tomé só acreditou  
Depois que a mão colocou  
Nas chagas do Santo Mestre.  
Brando como a flor silvestre  
Jesus lhe disse em seguida:  
É infeliz quem duvida  
Do autor da redenção  
Eu tive a ressurreição  
Só pela fé, vale a vida.

Santo Estêvão apedrejado  
Não reclamou do martírio  
Morreu como morre o lírio  
Que pelo sol foi queimado.  
Com o corpo inanimado,  
A face empalidecida,  
Sua alma faz partida  
Pras mansões celestiais  
Entre graças divinais  
Só pela fé, vale a vida.

O grande Judas Tadeu  
De Canaã da Galileia

Entre orgulhosa plateia  
 Humildemente morreu.  
 O povo que o abateu  
 Do poder de Deus duvida  
 Jesus, seu primo, o convida  
 Pra glória da vida eterna  
 Onde reina, onde governa,  
 Só pela fé, vale a vida.

O poeta aqui retrata sua fé em Deus, através dos milagres feitos por Jesus Cristo, Zé de Cazuza é um homem temente a Deus que sempre faz questão de exaltá-lo nos seus poemas que retratam esta fé.

A VIOLA VESTIDA DE SAUDADE,  
 PENDURADA NA CRUZ DO CANTADOR.

Sendo vítima dos golpes da traição,  
 Da pessoa a quem tanto deu carinho,  
 De repente se vendo tão sozinho,  
 Resolveu enfrentar a solidão.  
 Por ser grande demais seu coração,  
 Não havia lugar para rancor,  
 Coração de poeta é como a flor  
 Machucada por pés, sem piedade,  
 A viola vestida de saudade,  
 Pendurada na cruz do cantador.

O seu estro foi puro como o lírio  
 Cujas pétalas muitos buscam tê-las  
 Tinha o brilho opalino das estrelas  
 Nas chapadas azuis do céu empíreo.  
 Fora preso, que pena, por delírio  
 Aos encantos do seu primeiro amor,

Quem nasceu com destino de condor,  
Só na pátria de Deus tem liberdade,  
A viola vestida de saudade,  
Pendurada na cruz do cantador.

CAI A CHUVA NO SERTÃO,  
UMEDECE O TABULEIRO.

Um pé de jerimunzeiro,  
Se a água no tronco empoça,  
Cria força na raiz,  
Bota flor, a rama engrossa,  
Travessa a cerca do dono,  
Vai vingar na outra roça.

COM O CAMPO SEM PASTAGEM,  
QUEM CRIA SE DESANIMA.

O bezerro se aproxima,  
De uma vaca amarrada,  
Bate num peito e no outro,  
Leite não encontra nada,  
Dá uns sopapos no úbere  
Como que a mãe é a culpada.

Me lembro de uma vaquinha  
Num curral sem ter cancela,  
Comendo uns troncos de palma,  
Cortados numa gamela,  
Eu arreava o bezerro,  
Mãe tirava o leite dela.

NO INVERNO DO SERTÃO  
NÓS NÃO TEMOS CONFIANÇA.

Sertanejo é sem herança,  
acha que vive bem:  
Faz a broca, toca fogo,  
Quando o inverno não vem,  
Tira a cera da garrafa,  
Come a semente que tem.

DIANTE DA PROVIDÊNCIA  
A CIÊNCIA É MENTIROSA

Vê-se as flores naturais  
Perfumando o ambiente  
Parecendo e diferente  
Doutras artificiais.  
Um cheirando demais  
E outra sem ser cheirosa  
Quando o homem faz a rosa  
Fica faltando a essência  
Diante da providência  
a ciência é mentirosa

Nosso pobre agricultor  
Tanto acerta como erra

Xudu respondeu:

A gente da minha terra  
Em sacrifício se irmana.  
De Carpina a São Lourenço,

De Mogeiro a Itabaiana  
Tem tempo que o povo vive  
Só de bagaço de cana.

A chuva molhou o chão  
Trovejou que tive medo,  
O orvalho gotejou  
Na folha do arvoredado,  
Rasgando o tecido fino  
Que fez a aranha bem cedo.

Lá no Juazeiro quente,  
(É só o que o jornal fala,  
Pedro Bandeira comenta,  
Geraldo Amâncio se abala)  
Tiram a vida de um poeta,  
Uma viola se cala.

O poeta, como já foi ressaltado, é comprometido com a sua região, uma marca evidente nos poemas. Os poemas acima narram a importância da chuva para região nordestina. Nota-se um eu comprometido como quem sabe e sente essa realidade, pois vivencia as transformações nas suas terras com a chegada da chuva. O fragmento nos mostra claramente que a mudança do clima traz abundância para o sertão.

Nasci em noventa e seis,  
Nos climas quentes do Norte,  
No dia dois de novembro,  
Aniversário da morte.  
Na data fui caipora...  
Mas, pra cantar, tive sorte.

O teu sol é o meu sol,  
Tua lua, a minha lua.

Pinto:

Minha ribeira e a tua  
Uma da outra é vizinha,  
Tu nasceste em Carnaúba  
E eu em Caraubinha.  
Não chega a dar meia légua  
Da tua casa pra minha.

O cão dele come o queijo  
Que o meu filho não comeu,  
Que nação é essa nossa  
Que país é esse meu

Que cachorro do ministro  
Come melhor que eu...

Diante de todo o exposto, fica claro que o que propomos, acima de tudo, é o reconhecimento de um dos grandes representantes da nossa cultura popular. Identificamos a ausência desse conteúdo poético nas escolas do município da Prata, local onde esse poeta reside há anos. Esse é o nosso problema de pesquisa que aqui recapitulamos para fazer algumas reflexões: Será que essa ausência remete ao fato de a poesia popular andar distante das universidades de onde saem esses professores? Será que não é a hora de considerarmos que é preciso de mais pesquisas para ampliação e compreensão dessa tão rica cultura brasileira? É também responsabilidade dos poetas estabelecer uma aproximação com as escolas?

Como é possível perceber, nosso problema se ramifica em vários outros, entretanto, não é nosso intuito responder a tais perguntas, uma vez que as levantamos no intuito de criar provocações que nos levem a refletir sobre a solução do nosso problema que se configura como nosso objetivo principal: Levar a poesia popular de Zé de Cazuzza e demais Poetas do Repente para escolas de ensino

fundamental e médio do município de Prata/PB, quiçá, para todas as escolas brasileiras.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho focalizou a poesia de Zé de Cazuza para mostrar a capacidade de um homem nordestino, simples, que quase não frequentou uma escola, MAS QUE, MESMO ASSIM, sabe valorizar o dom e a mente iluminada que tem para memorizar e escrever seus poemas.

O amor é sem dúvida o tema de predileção do poeta, mas há outros temas que ele aborda com a mesma dedicação, construindo assim perfeições poéticas. A natureza é um bem deixado por Deus aos homens que tantas vezes não dão a devida importância e acabam destruindo o que o pai eterno nos deu com tanto amor. O homem procura entender esse sentimento, para isso, fatos vão acontecendo em sua vida às vezes decepciona como também pode marcar, e deixar saudade, é nessa perspectiva que é feita a poesia de Zé de Cazuza.

Diante dos dados aferidos e de todas considerações sobre a obra conclui-se que conhecer seus poemas é descobrir um novo poeta e a capacidade do ser humano. Ele aprendeu desde cedo a admirar a sua cultura e, foi assim que, aos 5 anos de idade, memorizou seu primeiro poema e desde então vem compondo e narrando a realidade nordestina, dessa forma, reconhece as riquezas da sua região. Tantos poetas renomados exaltam este ambiente na esperança de transformá-lo e nele viver melhor, Zé de Cazuza tenta, em sua forma simples de se expressar, contribuir para essa realidade e com isso orgulha-se de ser nordestino. Espera-se que esse estudo não esteja aqui acabado e que possa contribuir para outras possíveis pesquisas a respeito não só desse, mas, de muitos outros grandes poetas, que vivem no anonimato e têm muito a contribuir com a sociedade através de suas obras.

## REFERÊNCIAS

- CASCUDO, L.C. **Vaqueiros e Cantadores**. São Paulo: Global Ed., 2005.
- COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. 5 ed., Ver e atual. São Paulo: Editora Global, 1999.
- COUTINHO FILHO, F. **Violas e repentés**. São Paulo: Saraiva, 1953.
- DÍAZ-PIMIENTA, Alexis. **Teoría de la improvisación: primeras páginas para el estudio del repentismo**. Habana: Unión de Escritores y Artistas de Cuba, 2001.
- LINEMBURG, Jorge. **Cegos cantadores rabequeiros do Sertão Nordestino XXIV Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música**. São Paulo: 2014.
- MAGRINI, Tullia. **“Improvisation and group interaction in Italian lyrical singing”**. In: NETTL, Bruno e RUSSELL, Melinda Russell (orgs.). *In the course of performance: studies in the musical improvisation*. Chicago: University of Chicago Press, 1998.
- MOTA, Leonardo. **Cantadores: poesia e linguagem do sertão cearense**. 7ª. São Paulo: Ed. Rio; Fortaleza: ABC Editora, 2002 [1921].
- NETTL, Bruno (1974). **“Thoughts on improvisation: a comparative approach”**. *The musical quarterly*. v. 60, n. 1. p. 1-19.
- NUNES FILHO, José ( Zé de Cazuza) **Poetas Encantadores**. 3ª Ed. – Revisada e Ampliada. Campina Grande: Gráfica Marccone, 2009.
- SAUTCHUK J. M. Manzóllilo. **“A poética cantada: investigação das habilidades do repentista nordestino”**. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 35. Brasília: 2010.
- SOLER, Luis. **Origens árabes no folclore do sertão brasileiro**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1995.
- SUTTON, R. Anderson (1998). **“Do Javanese gamelan musicians really improvise?”** In: NETTL, Bruno e RUSSELL, Melinda (orgs.). *In the course of performance: studies in the musical improvisation*. Chicago: University of Chicago Press, 1998.

**ANEXOS - FOTOS**



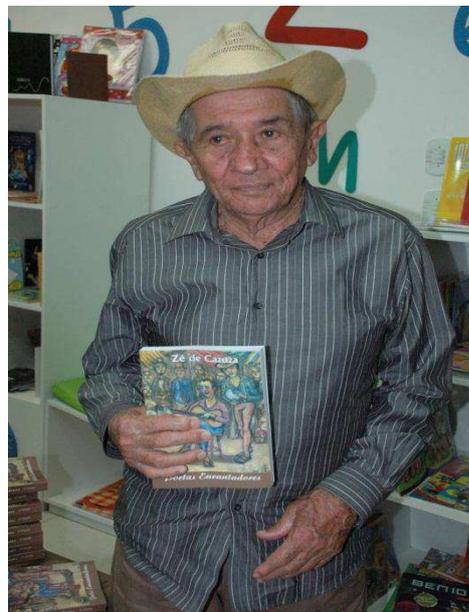
Zé de Cazuzza em casa.



Lirinha jantando na casa de Zé de Cazuzza,



Zé de Cauza na UFCG, Com os professores: Monica Martins, Erivan da Silva e Wallace Ferreira, na defesa do meu TCC



Zé de Cauza no lançamento da 3ª edição do livro Poetas Encantadores.



Zé de Cazuza e Ricardo Maia.



Zé de Cazuza, Ricardo Maia e Agda Maia.